

AMBIÇÃO E ÉTICA CRISTÃ

José Flávio de Castro Fernandes

Introdução

É procurando corresponder ao Projeto “Ser Igreja no Novo Milênio” que faremos esta reflexão. Mais especificamente, esperamos que estas poucas linhas nos ajudem a renovar a consciência de nossa identidade (o que somos) e missão (o que devemos fazer) como Igreja viva.

Procuraremos ajudar a “descobrir” onde está nossa paixão por aquilo que deveríamos defender, como cristãos: a *Vida*, *Cristo* e o *Evangelho*. O que fizemos com o brilho da luz, com o sabor do sal, com a força do fermento e com a força operativa da Palavra? Será que perderam seu sentido, não tendo mais nada a dizer a nós, seus destinatários?

A verdade é que transformamos tudo. Nós nos transformamos de criaturas em criadores.

É urgente retomarmos o caminho desviado, quando perdíamos para ganhar, morríamos para viver, sofriamos para gozar, renunciávamos a *ter* para *ser*.

Para isso, será importante nos determos um pouco sobre alguns fatores que condicionam nossa realidade. As transformações às quais estão sujeitas as sociedades podem ser estudadas a partir de diferentes perspectivas. A cultura hodierna é fortemente marcada pela exaltação do fator econômico, pela busca do bem-estar, pelo anseio de sucesso a qualquer custo etc. Será que nesse emaranhado jogo de interesses os fins justificam os meios?

Esta reflexão, desenvolvida com foco na perspectiva socioeconômica inter-relacionada com a dimensão sócio-cultural-religiosa, tem fundamento teológico, porque seu peso maior está na compreensão, a partir da fé, do fenômeno econômico mundial que perverte ou desvia nossas opções fundamentais, nossas ambições éticas¹.

Tal fenômeno tem determinado mudanças profundas no conjunto da sociedade e, rompendo fronteiras (processo de globalização), tem colocado novos desafios aos movimentos sociais em geral, às igrejas e a cada um de nós em particular.

Nesse contexto, não é fácil fazer uma reflexão interdisciplinar que leve a sério os dados de diferentes fontes. Esta é uma tentativa. Portanto, as abordagens que seguem são limitadas pelo fato de se tratar de temáticas bem específicas.

1. Por opções fundamentais ou ambições éticas entendemos o projeto de vida que leva em consideração as relações humanas de igualdade, liberdade e justiça.

A partir da mais pobre das ambições que é querer ganhar muito dinheiro, optamos por explicitar alguns pontos para que consigamos identificar e relacionar a verdadeira ambição com a ética cristã e com os fundamentos das esperanças da humanidade.

Inicialmente, partiremos de algumas conceituações básicas que nos ajudarão a dimensionar o problema da ambição; num *segundo* momento, procuraremos contextualizar a ambição subjacente à mundialização neoliberal que chamamos de anti-reino; o *terceiro* ponto nos assegura que, diante dos “sinais dos tempos”, é necessário, como cristãos, aderirmos à proposta evangélico-libertadora a partir do nosso espaço vital como única alternativa na construção da nossa Casa Grande sem senzalas; *em seguida*, procuramos mostrar que o problema da ambição é um problema teológico, porque tem relação direta com a Vida, com a construção do nosso sonho, do Reino de Deus, e que o único caminho capaz de transformar nossas ambições egoísticas em ambições éticas é *deixando-se levar* pelo Deus de Jesus Cristo; *finalmente*, concluimos com uma mensagem evangélica do Pe. Teófilo em que somos chamados a assumir nossas responsabilidades na construção de um mundo novo possível.

1. Conceituações

1.1. Ambição

1.1.1. O que é?

Para uma melhor compreensão do termo, partimos da conceituação denotativa de ambição de duas maneiras: a primeira é como um desejo intenso, ardente, que pode ser presente ou em relação ao futuro, de alcançar aquilo que *valoriza os bens materiais* ou o amor-próprio (poder, glória, riqueza, posição social etc.). A segunda possibilidade refere-se ao mesmo desejo de se alcançar um objetivo ou aspiração, mas de *ordem superior*, que entendemos ser tudo aquilo que faz um juízo de apreciação em relação à conduta humana suscetível de qualificação do ponto de vista do bem, unindo assim ambição e ética como partes do mesmo fundamento².

Portanto, ambição é tudo o que você pretende fazer na vida. São seus objetivos, seus sonhos, suas resoluções para o novo milênio, levando em conta o bem comum. Para nossa reflexão, tomaremos por base esta segunda conceituação.

1.1.2. Entendimento comum

Objetivamente e de maneira geral, as pessoas costumam ter como ambição ganhar muito dinheiro, casar com uma moça ou um moço bonito, ter um carro “zero”, uma casa grande com piscina ou viajar pelo mundo afora, por exemplo.

2. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira [verbete “ambição”].

1.1.3. A mais “pobre” das ambições

A partir do entendimento comum sobre ambição, constatamos que ganhar muito dinheiro é entendido como a primeira das ambições. Se não fosse buscado em si mesmo, seria caminho e condição fundamental para realizar outras ambições.

Deste ponto de vista, sem dúvida, consideramos a mais “pobre” das ambições querer ganhar muito dinheiro, porque dinheiro por si só não é objetivo: é um meio para alcançar a “verdadeira” ambição, como viajar pelo mundo, por exemplo. No fim da viagem a pessoa estará de volta sem o dinheiro, mas terá cumprido sua ambição. No entanto, há muitas pessoas que fazem do ganhar muito, muito dinheiro, a sua maior ou até única ambição, vivendo toda uma vida em função disso, esquecendo e ignorando as pessoas ao seu redor e até mesmo a si próprias.

1.2. Ética

1.2.1. O que é?

Consideramos como ética os *limites que se impõem* na busca da ambição, levando-se em consideração todo o corpo social. Podemos dizer que ética é a práxis como ação e relação para o outro como outro, como pessoa, como sagrado, como absoluto. É a relação que busca construir o outro como pessoa, como fim de minha ação e não como meio. Nesta relação, é tudo o que fazemos para conseguir realizar os nobres objetivos cristãos, como ser justo, amar, ser solidário...

Os fins jamais podem justificar os meios. Do contrário estaríamos legitimando os desmandos das ambições mesquinhas e egoístas que agem em função de si mesmas, sem levar em consideração o próximo “evangélico”³, a sociedade, um povo, a humanidade.

1.2.2. O que não é?

É comum a maioria dos pais se preocupar bastante com os filhos quando eles não mostram ambição, mas nem todos se preocupam quando os filhos quebram a ética. Se o filho colou na prova, não importa, desde que tenha passado de ano, o objetivo maior.

Algumas escolas estão ensinando a nossos filhos que ética é ajudar os outros. Como já vimos, isso não é ética, é ambição. Ajudar os outros deveria ser um objetivo de vida, a ambição de todos, ou pelo menos da maioria, sobretudo de nós cristãos. Aprendemos a não falar em sala de aula, a não perturbar a classe, mas pouco sobre ética. “Ajudar” os outros, e nossos colegas, faz parte de nossa “ética”. Não colar dos outros, infelizmente, não faz.

3. Temos aqui como o próximo “evangélico” os nossos milhões de irmãos e irmãs necessitados/as esquecidos à beira do caminho. Precisamos tomar a iniciativa e ir ao encontro deles/as como o samaritano de Lucas (cf. Lc 10,25-37). Ou, será que ainda estamos a perguntar “Senhor, quando te vimos faminto ou sedento, migrante ou nu, enfermo ou encarcerado e não te socorremos?” (cf. Mt 25,44).

1.2.3. O problema

Podemos considerar que o problema do “mundo” é que, normalmente, se decide pela ambição antes que pela ética, quando o certo seria o contrário. Por quê?

Isso se explica porque, dependendo da ambição a ser conquistada, parece difícil impor uma ética, pois ela poderia frustrar os objetivos. Quando se percebe que não se conseguirá alcançar os objetivos, a tendência é reduzir o rigor ético, e não reduzir a ambição.

Aqui está o cerne de toda a nossa reflexão. Quais os interesses que estão por trás desta intencionalidade em reduzir o rigor ético para que se possa chegar de qualquer forma aos objetivos? Exemplificando, não foi o que aconteceu com os senadores Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA) e José Roberto Arruda (PFL-DF) quando colocaram a ambição na frente da ética, ao participarem da tramóia que levou à violação do painel eletrônico do Senado Federal para obter a lista da votação secreta da sessão que acabou cassando outro senador, Luiz Estêvão (PMDB-DF), por envolvimento em outras tramóias.

1.2.4 Ambições éticas

Não há nada de errado em ser ambicioso na vida, muito menos em ter “grandes” ambições. Podemos considerar, entre as pessoas mais ambiciosas, todos aqueles e aquelas líderes de Movimentos Sociais que “lutam pela concretização dos direitos e garantias fundamentais dos cidadãos elencados na nossa Carta Magna”⁴; líderes de Sindicatos que “buscam a valorização da mão-de-obra de seus filiados, com participação efetiva nos lucros das empresas”; líderes de Instituições Religiosas que “buscam o caminho do diálogo entre as religiões, pois sabem que não haverá paz no mundo, sem paz entre as religiões”; líderes das grandes Organizações Não-Governamentais (ONGs) que “com seus compromissos ecológicos, ideais religiosos, éticos e outros, lutam por um mundo mais justo, mais solidário e mais democrático”; líderes de Nações, como a do nosso Brasil, que “desejam dar o direito a cada cidadão e cidadã de fazer, pelo menos, três refeições diárias, acabando de vez com a fome”; e tantos outros que tencionam “acabar com a pobreza no mundo”. Esses, sim, são projetos ambiciosos e eticamente cristãos.

Nestes exemplos citados, notamos que a ambição ética é o exercício concreto da superação do egoísmo (fechamento em si mesmo), passando pela solidariedade (relações de igualdade) até atingir o altruísmo (abertura, entrega total ao outro, sobretudo o mais necessitado). Este processo só se dá quando acreditamos, como poetas e poetisas, que o sonho, a utopia, será real⁵. Assim, estaremos “acumulando riquezas no céu, onde

4. Constituição da República Federativa do Brasil. Título II: Dos Direitos e Garantias Fundamentais, art. 5º ao 17º. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.

5. Aristóteles já dizia que no meio do caminho entre o egoísmo e o altruísmo está a solidariedade.

não roem traça nem caruncho, onde ladrões não arrombam nem roubam. Pois onde está tua riqueza, aí estará teu coração”⁶.

2. O anti-reino⁷

2.1. *A ambição do poder e das armas – mundialização neoliberal e de mercado*

Aqui não temos a intenção de aprofundar o debate sobre o processo mais amplo de globalização, mas destacar, apenas, o aspecto econômico de acumulação de capital, oportunista e especulativo, isto porque a globalização transcende o fenômeno meramente econômico.

Estrategicamente, neste processo, pela grave recessão, os interesses das grandes empresas, sobretudo norte-americanas, e de seu governo, adotam a estratégia ofensiva, econômica, política e militar para saírem da crise. Tudo o que fazem não é para proteger cidadãos, mas sua indústria. É por isso que esses grandes impérios já perderam a guerra da credibilidade e da justiça.

Atualmente, com sede nos países ricos, dois terços do comércio internacional são controlados pelas multinacionais que exercem um profundo grau de controle sobre as mais diversas etapas da produção, definindo estratégias para a acumulação de capital⁸. Esta acumulação *não* se dá pela industrialização, gerando empregos ou produzindo bens, mas pelo caráter especulativo do dinheiro. As conseqüências dessa política internacional se revelam desastrosas pelo seu aspecto excludente, restando aos excluídos a miséria.

O que tais países ricos fazem é exigir dos outros o fim de quaisquer barreiras ao livre comércio internacional, mas sempre protegendo seus mercados com toda sorte de barreiras, gerando mais concentração de riquezas, maior concentração de consumo. Pura hipocrisia! Ainda se identificam como cristãos. Que vergonha!!!

A ambição, acumulação exagerada de bens, de capital, de dinheiro, de terras não é só um problema de diferença social, é um problema de privação. Quem se apropria privadamente de uma coisa está privando outras pessoas, gerações, países, do acesso a elas. Só por isso já não se justificaria a ambição. O mais grave é que, no mundo inteiro, há milhões de crianças morrendo porque não têm acesso nem à comida, nem à habitação, nem à assistência médica, nem à educação...

Socialmente falando, as conseqüências dessa etapa do capitalismo para os chamados países emergentes são evidentes tanto no déficit da balança comercial quanto

6. Cf. Mt 6,19-21. Para efeito de citação de textos bíblicos utilizamos a tradução da Bíblia do Peregrino. São Paulo: Paulus, 2000.

7. Consideramos aqui como *anti-reino* o projeto de globalização neoliberal que, pela ambição do capital, é injusto, gerando miséria e sofrimento para milhões de seres humanos.

8. Hoje, a economia mundial vem sendo administrada e dominada em favor de apenas 500 grandes empresas transnacionais (bancos, indústrias e serviços), em sua maioria de origem norte-americana. O valor da produção que eles controlam é maior do que o equivalente a 130 países. É próprio que se diga que toda dominação concreta é sempre e ao mesmo tempo pecado contra Deus e contra seus filhos e filhas (cf. Tg 2,14-26; 1Jo 4,19-21).

na desestruturação de setores produtivos, gerando o *desemprego* em massa que passou a ser o grande flagelo na transição do último século para este, agravando-se a cada ano⁹. O que então restará aos países pobres? Mais miséria: fome, doenças, morte!

Estes milhões de pessoas são, conforme comenta Hugo Assmann, o resultado da “adoção consentida e celebrada como ‘modernização’, de uma férrea lógica da exclusão, que produz e perpetua uma assustadora ‘massa sobran-te’ de seres humanos, tidos como economicamente inaproveitáveis e, portanto, objetivamente descartáveis”¹⁰.

Aonde nos levará tamanha ambição às custas de tantas vidas? Onde estão os critérios éticos desses países que se identificam como cristãos?

Infelizmente, pela ambição do poder do dinheiro e das armas e pela submissão da política a esses dois poderes – que são um só poder, nas mãos de poucos – formamos uma unidade mundial que é neoliberal (redução da intervenção governamental na esfera econômica e social) e de mercado (de consumismo, de privilégios para a minoria dos senhores do mundo e de exclusão para a imensa maioria do povo). Esta mundialização neoliberal e de mercado é um sinal dos tempos às avessas.

As conseqüências de muitos anos de promessas, por parte dos governantes, de que receitas neoliberais triunfalistas levariam ao “paraíso”, solucionando problemas estruturais como o desemprego, a queda do poder aquisitivo do trabalhador, a evasão escolar, a precariedade dos órgãos de saúde, a escassez de terra nas mãos dos trabalhadores rurais, a miséria etc., mostraram a fraqueza, a ineficiência do sistema estabelecido e a ilusão de suas promessas, agravando a conjuntura de exclusão.

Vários países da América Latina, como, por exemplo, a Argentina, Venezuela, Bolívia, Colômbia etc., hoje estão pagando um preço muito alto por causa da instabilidade de seus governos, pelas inevitáveis explosões sociais (mobilizações, confusão, conflitos, violências...), conseqüências de políticas excludentes num continente de uma imensa maioria pobre.

2.2. Riqueza: ambição infeliz

Como já vimos, ainda hoje, na mentalidade de muita gente, a imagem do rico está associada instintivamente àquela do entendimento comum sobre ambição que aponta para a idéia de felicidade: mansões fabulosas, automóveis importados, viagens ao exterior, hotéis luxuosíssimos e prazeres sem conta e refinados¹¹. A tudo isso se dá o nome de felicidade.

9. Só na grande São Paulo, atingimos entre a população economicamente ativa – PEA, o índice de 20,6% de desempregados, chegando a quase dois milhões de pessoas, sem qualquer perspectiva a curto e médio prazos. Em todo o Brasil já chegam a 14% da PEA. Estes índices são estatísticas anunciadas pelo Dieese, em maio de 2003. Em relação à população mundial, o mesmo sistema de exclusão não garante trabalho a quase 25% de toda a população.

10. ASSMANN, Hugo. *Crítica à lógica da exclusão – Ensaios sobre economia e teologia*. São Paulo: Paulus, 1994, p. 20.

11. Entendemos aqui como rico a pessoa, empresa, país ou grupos de interesses que vivem em função da riqueza, em função de seus “bens”, das coisas que possuem e que dão sentido e razão ao seu empenho de ambição. As pessoas que cruzam seus caminhos são apenas instrumentos de sua ambição desmedida.

Pelo contrário, com muita frequência, não passa de máscara da felicidade. Nada mais é que a trágica paródia da felicidade. Ocultamente há um vazio, tédio, há a tristeza mais profunda. No fundo há uma alma obrigada a submeter-se ao ultraje de se encontrar sufocada pelo entulho do *haver*, humilhada por ver o crescimento do *ser* impedido pela preponderância esmagadora do *haver*.

E o pior é que, pela ambição desmedida, o rico realiza a grande loucura da pretensão de ser feliz sozinho.

É oportuno reproduzir aqui, nas palavras de Mounier¹², um dos retratos mais reais do rico:

“Rico é sinônimo de homem ao qual nada resiste. O rico possui o meio para suprimir o mundo...

Acabaram-se os choques com os homens. Entre o rico e os outros seres ergue-se sempre o dinheiro que nivela as resistências, falseia as palavras e os comportamentos humanos. De quando em quando se produz um acontecimento, mas também o acontecimento é comprado: compra-se a saúde, isto é, a doença ou a morte; compram-se as aparências de amizade e de amor, e, da mesma forma, toda elaboração íntima acaba sendo sufocada e cria-se em seu lugar uma vida não muito catastrófica, com exceção dos acontecimentos do destino, de qualquer espécie que seja, ou doce ou insípida, ou voluptuosa ou excitante.

Dessa maneira o rico vai gradativamente esquecendo-se do outro. E o pior é que acredita ser dono do mundo só porque o suprimiu. Essa potência medíocre, que age por força de matéria interposta e não conhece a posse pobre que é a do dom de si, compõe o seu semblante e o próprio estilo de sua vida ornando-o de uma vantajosa fatuidade, de um sorriso florido, de uma bazófia mecânica. Riqueza: é um nome usurpado. É uma ‘riqueza’ que mascara não somente os ricos, mas também o mundo que se estende diante deles. É uma riqueza que nivela, uma riqueza opaca, constituída de psicologias simplificadas, de pobres psicologias covardes em suas constituições e covardes perante a vida.

O rico apenas conhece um tipo de relações humanas: a consideração... No que concerne à amizade, os bens que ganham consideração são os seguintes: conselhos de administração, monopólios, medalhões e por intimidade os companheiros de farças secretas”.

Como apontamos acima, qual seria, então, a classificação psicológica que poderíamos fazer desse rico? Contrapondo a ambição desmedida do rico à ética cristã, nada mais propício do que extrair dos ensinamentos de Cristo esse retrato. Vejamos o belo texto do Evangelho de Lucas:

“Alguém da multidão disse: – Mestre, dize a meu irmão que reparta comigo a herança. Respondeu-lhe: – Homem, quem me nomeou juiz ou árbitro entre vós? E lhes

12. MOUNIER, E. *Rivoluzione personalista e comunitaria*. Ed. Comunità, p. 177.

disse: – Atenção! Abstende-vos de qualquer cobiça, porque, por mais rico que alguém seja, a vida não depende dos bens. E lhes propôs uma parábola: – As terras de um homem deram grande colheita. Ele disse a si mesmo: Que farei?, pois não tenho onde colocar toda a colheita. E disse: Farei o seguinte: derrubarei os celeiros e construirei outros maiores, nos quais colocarei meu trigo e minhas posses. Depois direi a mim mesmo: Querido, tens acumulados muitos bens para muitos anos; descansa, come e bebe, desfruta. Mas Deus lhe disse: Insensato! Nesta noite te pedirão a vida. Aquilo que preparaste, para quem será? Assim é aquele que acumula para si e não é rico para Deus” (cf. Lc 12,13-21).

A partir do Evangelho, constatamos que o rico foi classificado por Cristo como um “insensato”, como um louco.

3. Transição urgente

Fazendo eco às palavras de Dom Pedro Casaldáliga, não há outra melhor forma e mais eficiente de se lançar no horizonte mundial e a uma neoliberal revolução histórica, para vencer a ambição da riqueza, senão partirmos de nosso “lugar” e de nossa “memória”. O lugar e a memória, bem vividos, nutrem as raízes e ensinam que através das histórias de martírios e insurreições supera-se os obstáculos, alimentando as esperanças.

É fundamental encararmos a vida de forma otimista, não apenas sonhando com realizações futuras, mas nos propondo a transformar esses sonhos em realidade. É necessário que as pessoas recuperem a esperança em si mesmas, no trabalho, no futuro de suas vidas, no futuro do planeta.

Nosso ponto de partida para as mudanças não é outro senão o espaço de nossa cotidianidade, do nosso chão, da nossa cultura, da nossa “comunidade”, da nossa fé. É preciso assumir o mundo como nossa Casa Grande, sem senzalas, como nosso caminho comum, construído por todos e para todos.

A partir desse espaço vital, somente uma proposta evangélico-libertadora, que priorize a cultura da solidariedade, que conscientize e politize, alimentará a pedagogia que privilegia as práticas inovadoras que estimulam o desenvolvimento da autonomia, da liberdade de ser e da cidadania ética. Assim, uma nova sociedade como alternativa social vai se encarnando nas estruturas da vida diária.

A luta do movimento antiglobalização para que “outro mundo seja possível” deve confrontar este monopólio do poder econômico e dos estados imperiais que a defendem. A única maneira de democratizar a globalização é a de socializar estes monopólios gigantes onde quer que operem ou enfrentar as pressões econômicas e as ameaças que tencionam minar as economias locais.

Para isso, todas as formas de manifestações de protestos, de resistências, contra a ambição globalizante neoliberal, protagonizadas pelos movimentos sociais, sindicatos, Fóruns, organizações não-governamentais (ONGs) etc., são fundamentais nesse processo de transição. Todas essas formas de manifestação partilham conosco os so-

nhos de uma humanidade plural, aberta, simples, sem armas, onde os bens sejam colhidos, produzidos, distribuídos e usados de modo solidário e pacífico, como diria Otto Maduro, numa “cultura do prazer partilhado” que leve em consideração a humanidade toda¹³.

4. O Reino de Deus

Diante deste quadro sombrio de insensatez, onde a inversão de valores fundamentados em ambições econômicas se impõe, diversos são os obstáculos hoje em busca da realização de uma prática libertadora, prática cristã. O problema está diante de nós, ou melhor, estamos dentro do problema, o vivenciamos a todo instante. É preciso refazer o caminho, reconstruir nossa história.

4.1. *A grande causa da humanidade é um problema teológico*

A grande causa da humanidade e da Boa-Nova de Cristo é a Vida. Para se chegar a ela é necessário abraçar as causas profundas desta terra e de todos os povos, como a terra, a água, o alimento, a saúde, a educação, a liberdade, a paz, outra democracia, todos os direitos humanos e os direitos dos povos.

É preciso cada um assumir sua responsabilidade na construção de um mundo novo, porque as grandes causas da humanidade são também para nós causas divinas.

O verdadeiro “culto agradável” ao Deus vivo, pregado, praticado e celebrado por todas as religiões, passa pelas grandes causas da filha humana de Deus.

Glosando Berdiaev, podemos dizer com razão que essas grandes causas da humanidade são um problema teológico para todas as religiões. Muitas vozes autorizadas vêm repetindo ultimamente que só a união das religiões, convergindo na proclamação e na implementação dessas grandes causas, pode salvar do caos a humanidade e a terra.

Falando de uma dessas causas mais emergenciais, escrevia o poeta Garcia Lorca: “O dia em que a fome for extirpada da terra, haverá uma grande explosão espiritual como o mundo nunca viu”.

Não podemos ignorar nossa omissão no tocante à responsabilidade cristã para com essa sociedade injusta. Ao esperar de nós testemunho, coerência com a proposta de vida para todos, silenciemos, ignoramos a imagem de Deus que deveríamos ser. Apesar de fazermos parte dessa sociedade, ela ficou desabitada de nosso amor, de nós mesmos. Somos “traidores” de um amor fracassado, amor que não faz eco em nós mesmos. A injustiça, a ambição, o individualismo ocupou o espaço que deveria ser do amor. Não soubemos vigiar o bem maior – o amor se tornou desertor. Recuamos do

13. Sobre a propriedade privada, o bem comum, a comunhão de bens e o panorama sobre a atual situação econômico-político-social no Brasil e no mundo, sugiro as reflexões e debates em torno do tema, realizadas pelo sociólogo e teólogo Otto Maduro, no dia 25 de outubro de 1991, no Centro João XXIII, reunidas nos Cadernos 10/11, da publicação *Atualidade em debate* sob o tema *Propriedade privada: A ética é possível?*

propósito maior procurando, cada um, justificar-se quando o próximo, o futuro da humanidade, precisa de nós.

Isto porque nos deixamos levar pela pressão materialista do contexto, o charme do consumismo, o encanto da felicidade, o medo da insegurança econômica. A maioria dos cristãos, desorientada na atual sociedade, não soube como conciliar os duros desafios da vida moderna, agravada pela crise econômica. Esta grande massa de “fiéis” é o resultado do hiato que há entre o *discurso* e a *prática* das igrejas. Estes dois elementos fundamentais de coerência e credibilidade evangélica ficaram isolados no idealismo de poucos. Quão grande é nossa responsabilidade pelo destino da humanidade!

4.2. *Sonho tão esperado*

Jesus fez do Reino de Deus o tema central de sua pregação. Não quis revelar o significado desse reino; preferiu deixar com seus ouvintes a tarefa de descobri-lo. Achou mais importante anunciar que o reino tão esperado acabava de chegar...

O que fora profetizado no Primeiro Testamento como acontecimento futuro estava se transformando em realidade feliz, prestes a irromper na sociedade e no coração do povo.

E, assim, a libertação e a salvação, tão longamente aguardadas, saíam do purgatório das esperanças e das promessas, para se tornarem dom concreto e grandioso: dom de amor e de justiça, de perdão e de paz.

Mas não é justo que imaginemos o Reino de Deus como realidade a ser vivenciada só em nível individual (isto seria impossível); ele deve ser vivenciado em nível comunitário, público, planetário. Isto porque a espiritualidade cristã pressupõe relações de comunhão e participação. Eis por que o Reino de Deus deve ser proclamado “dos terraços” (Mt 10,27).

Outra coisa: não é totalmente certo pensar a realidade do Reino como algo invisível aos nossos olhos. Ela pode e deve se tornar visível, através das Igrejas e de cada um de nós, uma vez que todos formamos o corpo visível deste Reino.

O acontecimento do Reino, que se dá no âmbito das consciências, precisa ser transformado em acontecimento histórico, mediante a comunicação por palavras, símbolos e sinais. Acima de tudo, mediante nosso empenho em transformar a realidade presente até ela se revestir de fé, de esperança e de amor.

Somos chamados sempre a não nos conformarmos com o mundo, e sim a transformá-lo, renovando nossa maneira de pensar e de julgar, para que possamos distinguir o que é da vontade de Deus, isto é, o que é bom, o que lhe agrada, o que é perfeito (cf. Rm 12,1-2).

E se, para entrar na posse desse Reino, tivermos que “*vender tudo*” em benefício dos pobres ou perder nossa própria vida, não faz mal; no fim, acabaremos ganhando mais do que perdemos (cf. Mc 10,21; 8,35).

4.3. A alternativa é evangélica

O Evangelho não nos deixa dúvidas quanto à incompatibilidade que há entre a fé e a ambição sem ética (riqueza) que toma o coração. Em sentido bíblico, o coração é o centro da pessoa, a fonte de suas ações livres¹⁴. Quando chega ali a riqueza, não há mais lugar para a fé. Só há uma alternativa: servir a Deus ou ao dinheiro (cf. Mt 6,24; Lc 16,13)¹⁵. Não se pode ser *um e outro*, mas *ou um ou outro*. “Porque, onde está o vosso tesouro, aí estará o vosso coração” (cf. Mt 6,20-21; Lc 12,34).

A língua hebraica, para exprimir o fato de crer, usa o verbo *'aman* que significa “fazer-se levar”. Ou seja, quem crê se faz levar por outro, apóia-se em outro, repõe a própria confiança exclusiva em outro. Quem crê “se faz levar” por Deus, apóia-se em Deus.

Conforme alguns biblistas, a etimologia do termo aramaico “*mamonâ*” estaria ligada na mesma raiz *'mn* do verbo *'aman* que exprime o ato de crer.

Assim, a mesma etimologia conduz-nos face a face com o dilema do Evangelho: a vida resolve-se em um “fazer-se levar”, “*deixar-se levar*”. A opção está diante de nós.

Optando por *mamonâ* colocamos Deus entre parênteses, por não necessitarmos mais dele, porque noutra está nossa segurança. Um coração ocupado pela ambição, pelas riquezas, é um coração vazio de Deus.

A primeira consequência da opção pela riqueza é a cegueira, impedindo de ver o *outro*, sobretudo o pobre. A riqueza não ajuda mais a ver o outro como pessoa, somente o outro como objeto a seu serviço. Quando o rico enxerga, sobretudo o pobre, o vê como instrumento para ganhar o paraíso, dando-lhe uma esmola – como se isso fosse possível. Pura hipocrisia! Está perdido – não se reconhece no mundo dos outros, apenas no seu.

A segunda consequência da opção pela riqueza é um distanciamento do macrocotidiano, do mundo construído pelos que trabalham arduamente, provocando as mudanças das estruturas. Os ricos só entendem do seu micromundo de privilégios – não têm a capacidade para compreender a história e que são os pobres que a fazem caminhar e não eles.

Por fim, a ambição toma posse de toda a pessoa, transformando-a numa caricatura: egoísmo. É uma realidade sem Deus, sem o próximo, sem a história, sem ele mesmo. Que triste tragédia!

Será que não existe uma saída, uma possibilidade de salvação para o rico? É claro que sim. Jesus disse que era “difícil para os ricos entrar no Reino de Deus” (Mc 10,23b), porém, não excluiu a possibilidade de salvação, que consiste em “reconhecer” o pobre, em dar-lhe precedência. Na carta magna do cristianismo, o Sermão da Monta-

14. Tanto no Primeiro como no Segundo Testamento, o vocábulo “*coração*” é o mais completo para indicar todas as faculdades humanas, como os sentimentos (Rm 9,2), a vontade (1Cor 4,5) e o intelecto (Rm 10,6). O “*coração*” pode ser o lar do Espírito Santo (Rm 5,5), ou da maldade (Rm 1,24). O texto de Mc 7,21-23 lista os maus pensamentos que procedem do homem interior, também chamado de “*coração*”.

15. A palavra grega *mamôna* significa “deus oriental do dinheiro, deus das riquezas”.

na, Cristo pronuncia que os pobres são os *clientes privilegiados* do Reino. “Felizes os pobres, porque o reinado de Deus lhes pertence” (Lc 6,20). A Igreja, um dos sinais do Reino, deveria ser esse espaço natural e sagrado onde os pobres têm precedência.

4.4. A posse cristã

Dos preciosos ensinamentos que contém o Evangelho para cada um de nós, destacamos o milagre da multiplicação dos pães – milagre este que deveríamos continuar realizando sobre a terra, como síntese do que vimos até aqui sobre a ambição do *ter* (cf. Mc 6,30-34; 8,1-10; Lc 9,10-17; Mt 14,13-21; Jo 6,1-13).

Podemos afirmar que nos gestos de Cristo, ao multiplicar os pães e peixes, está todo o significado cristão da posse: “segura entre as mãos, abençoa-os, dá graças ao Pai, parte-os e distribui-os a todos, que comeram, ficando satisfeitos”. Dar graças e abençoar quer dizer reconhecer a soberania de Deus sobre todas as criaturas. Somente Deus é Senhor: nós não somos senhores, donos do mundo e da vida das pessoas. Não somos os proprietários, os patrões: somos os depositários. Deus nos confiou as criaturas para que respeitássemos nas criaturas sua vontade paterna. Nós possuímos apenas para guardar, para multiplicar, para distribuir. O direito de propriedade é o espaço vital do homem, por conseguinte é um direito de todos. É acima de tudo um direito de quem não tem – não só de quem tem mais do que os outros. Nossa vocação não é aquela de possuir, mas a de distribuir.

Quando o pão, ao invés de se tornar “nosso”, permanece “meu” pela ambição cega, apaga a presença do Pai da face da terra. Ao contrário, o pão se torna “sacramento” de Cristo quando colocado na mesma mesa e partilhado entre todos os irmãos e irmãs. Nestes gestos se concretizam a presença do ressuscitado entre nós. Aleluia! (cf. Lc 24,30-31).

A responsabilidade de preparar este encontro com o ressuscitado, na fração do pão, é de cada um de nós cristãos.

Conclusão

Depois de tudo o que foi dito, gostaríamos de terminar com a mensagem evangélica do Pe. Teófilo que propõe uma possível carta de Paulo a cada um de nós cristãos, hoje¹⁶:

Se eu aprender inglês, francês, espanhol,
Alemão, chinês e dezenas de outros idiomas,
Mas não souber me comunicar como pessoa,
De nada valem as minhas palavras.

Se eu concluir um curso superior
E andar de anel no dedo e frequentar cursos

16. TEÓFILO, Pe. Ivan. *Carta de Paulo aos cristãos de hoje* [Padre Teófilo faleceu em 24 de fevereiro de 1990].

E mais cursos de atualização,
Mas viver distante dos problemas do povo,
Minha cultura não passa de uma inútil erudição.

Se eu morar no Nordeste,
Mas desconhecer os sofrimentos de minha região
E fugir para as férias no sul
E até para a América e Europa e nada fazer pela
Promoção do homem, não sou cristão.

Se eu possuir a melhor casa de minha rua
E possuir a roupa mais avançada do momento e o
Sapato da onda e não me lembrar que sou responsável
Por aqueles que moram na minha cidade,
Que andam de pé no chão e se cobrem de sujo e de
Mulambo, sou apenas um manequim enfeitado.

Se eu passar o fim de semana em festas, boates, farra e
Programas sem ver a fome, o desemprego, o analfabetismo e
A doença, sem escutar o grito abafado do povo
Que se arrasta à margem da história, não sirvo pra nada.

*O cristão não foge dos desafios de sua época,
Não fica de braços cruzados, de boca fechada, de cabeça vazia,
Não tolera a injustiça, nem as desigualdades gritantes do nosso mundo,
Luta pela verdade e a justiça com as armas do amor.
O cristão não desanima nem se desespera diante das derrotas e das dificuldades,
porque sabe que a única coisa que vai sobrar de tudo isso é o AMOR.*

Assim sendo, esperamos ter deixado claro que a pior coisa que podemos fazer diante dos que priorizam a ambição à ética cristã é a atitude de ficarmos calados. Esses já amargam a traição de sua ambição-riqueza. Portanto, não seria justo que devam também sofrer a traição do silêncio de cada um de nós cristãos.

Porém, não pensemos que o eco dessas palavras não nos diz respeito. Será que, de vez em quando, não ouvimos o Senhor a nos chamar pelo nome:

– Insensato!?

Bibliografia

ASSMANN, Hugo. *Crítica à lógica da exclusão – Ensaios sobre economia e teologia*. São Paulo: Paulus, 1994.

Constituição da República Federativa do Brasil. Título II: Dos Direitos e Garantias Fundamentais, art. 5º ao 17º. Brasília: Senado Federal/Centro Gráfico, 1988.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

MADURO, Otto. *Atualidade em debate – Propriedade privada: A ética é possível?* Rio de Janeiro: Centro João XXIII, 1991 [Cadernos 10/11].

MOUNIER, E. *Rivoluzione personalista e comunitaria*. Ed. Comunità.

TEÓFILO, Ivan. *Carta de Paulo aos cristãos de hoje*.

José Flávio de Castro Fernandes
Centro de Estudos Bíblicos – Cebi
joseflaviofer@uol.com.br